



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Modos de vida e saberes tradicionais dos Povos da Amazônia: uma proposta decolonial a partir do bem viver

Edilani Viana Oliveira¹

Marineide Pereira de Oliveira²

Resumo

Este artigo discute os modos de vida e saberes tradicionais dos povos e comunidades da Amazônia, destacando sua relação simbólico-afetiva como território e sua importância para a preservação ambiental. A partir de uma revisão bibliográfica, analisa-se como esses conhecimentos ancestrais, materializados em encantarias, práticas agrícolas e territorialidades, resistem ao avanço do modelo de desenvolvimento capitalista na região. O conceito de Bem Viver é apresentado como proposta decolonial inspirada nas cosmovisões indígenas e nas práticas comunitárias ribeirinhas. Considera-se que a valorização dos saberes tradicionais e a descolonização do pensamento são fundamentais para a construção de alternativas sustentáveis à devastação da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Povos e comunidades tradicionais; Bem Viver.

Traditional Ways of Life and Knowledge of the Amazonian Peoples: A Decolonial Proposal Based on “Good Living”

Abstract

This article discusses the ways of life and traditional knowledge of the peoples and communities of the Amazon, highlighting their symbolic-affective relationship with the territory and its importance for environmental preservation. Based on a bibliographic review, it analyzes how these ancestral knowledges, materialized in enchantments, agricultural practices, and territorialities, resist the advance of the capitalist development model in the region. The concept of Buen Vivir is presented as a decolonial proposal inspired by Indigenous cosmovisions and riverside community practices. It is considered that the valorization of traditional knowledge and the decolonization of thought are fundamental for the construction of sustainable alternatives to the devastation of the Amazon.

Keywords: Amazon; Traditional peoples and communities; Buen Vivir.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), evo.mge24@uea.edu.br

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mpdo.mge24@uea.edu.br

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Introdução

A Amazônia, em sua ampla diversidade cultural e ambiental, é habitada por povos e comunidades tradicionais, como ribeirinhos, camponeses e quilombolas, que produzem e reproduzem diferentes modos de vida e existências que se manifestam em múltiplas territorialidades amazônicas e mantêm uma relação íntima, harmoniosa e recíproca com o meio ambiente, manifestada nas terras, rios e florestas.

Esses povos possuem conhecimentos, saberes e práticas ancestrais, e desempenham um papel importante na preservação das florestas e na manutenção de modos de vida que são base para a biodiversidade amazônica. Porém, este viver em constante conexão com o meio ambiente, com o território enfrenta ameaças diante da lógica destruidora do chamado desenvolvimento capitalista, que avança sobre a floresta Amazônica, gerando conflitos agrários e territoriais, a expropriação de terras e destruição da vida nesses ambientes, em prol da exploração desenfreada para acúmulo de capital.

O reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais como um modo de vida que respeita as diferenças, a diversidade cultural e ambiental se mostram como esperança diante da acelerada corrida das formas exploratórias sobre os recursos naturais da Amazônia.

A crítica ao desenvolvimento capitalista e colonizador propõe o Bem Viver (Silva, 2021; Agra, 2020) como uma alternativa decolonial, inspirada nas cosmovisões indígenas da América Latina e nas práticas comunitárias, como as ribeirinhas, que exaltam a harmonia entre as pessoas e meio ambiente, o qual é visto como Ente (Silva, 2021).

Frente a isso, o objetivo desse trabalho é discutir sobre os modos de vida e os saberes tradicionais dos povos e comunidades da Amazônia, evidenciando sua relação simbólico-afetiva com o território e sua importância para a preservação ambiental. A estrutura deste artigo está organizada em duas partes. Primeiramente, aborda-se os modos de vida e os saberes tradicionais dos povos da Amazônia, destacando sua relação simbólico-afetiva com o território. Em seguida, apresenta-se o conceito de Bem Viver como uma proposta de resistência e alternativa ao desenvolvimento capitalista, enfatizando a possível construção de um futuro mais sustentável.

Modos de vida e saberes tradicionais dos povos da Amazônia

A Amazônia é constituída por uma imensa diversidade sociocultural, onde os povos e comunidades tradicionais, dentre eles ribeirinhos, indígenas e quilombolas, tecem seus modos de vida a partir de uma correlação íntima com o ambiente, que se materializa nas águas, rios e florestas (Conceição, 2023; Witkoski, 2021). Esse elo vai além da subsistência material dessas comunidades, envolvendo crenças, culturas, encantarias e uma visão de mundo que toma a natureza como ente tal qual o ser humano.

A esse respeito, Silva (2021), afirma que as representações mágicas dessas encantarias estão presentes nas águas, nas matas, na agricultura, na pesca, em todo o circuito da vida cotidiana. Essa geografia mágica é atravessada por muitas narrativas que estão presentes no dia a dia dos povos amazônicos e atribui significados sagrados a componentes da natureza, como animais, plantas e as águas barrentas que encobrem

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

mistérios e encantarias (Silva, 2021). Estas representações se manifestam como conhecimentos ancestrais que reverberam em suas ações e experiências cotidianas.

Os saberes tradicionais desses povos são transmitidos entre as gerações, através de histórias e ensinamentos que explicam, por exemplo, a gênese dos rios, das matas e dos seres encantados que os habitam. Essas narrativas, muitas vezes, direcionam e circundam a forma como deve ser feito o uso dos elementos da natureza em prol da sobrevivência humana, e para além disso, estabelecem o respeito, reverência e cuidado com o meio ambiente, relação esta que se inicia desde a infância.

A exemplo de seres encantados, é possível citar as Mães d'água, entidades que protegem os rios, sendo sua representação mais popular a Iara. Elas são reverenciadas como guardiãs de toda existência aquática. Conforme Silva (2021) em comunidades ribeirinhas, as representações do sagrado estão contidas no saber sobre o ciclo das águas e a compreensão fundamental de se conservar uma nascente de água. Esses saberes/conhecimentos tradicionais, atrelados a uma visão sacralizada do ambiente, refletem uma relação de cuidado entre mulheres e homens amazônidas e a natureza cuja importância desses povos resulta na preservação da Amazônia.

As encantarias possuem grande papel na organização simbólica do território nas Amazônias. Entidades como o Curupira e os botos são entendidos como seres protetores da floresta e dos rios, que, eventualmente, regulam o uso dos elementos da natureza e punem aqueles que infringem as regras éticas e sociais das comunidades e florestas. Silva (2021, p. 15) relata que, em comunidades ribeirinhas,

das inúmeras formas de narrativas dos botos, há os que curam, os que se transfiguravam em gente, os que ajudam na pesca, os que protegem de afogamentos, os que levam para o fundo das águas em visitas às cidades encantadas, que cuidam da reprodução dos peixes, e há aqueles que cuidam das enfermidades do corpo e do espírito.

Vale a pena citar também, como exemplo de seres encantados, “A Lenda do Anselmo: O Encantado do Rio Maués-Açu”, que traz como representação a fé e reverência pela natureza. A lenda de Anselmo de Maués, representada e compartilhada em forma de documentário e disponível no aplicativo YouTube, conta a história de um homem pescador que, de acordo com os relatos da população local, possuía poderes místicos, sendo um curandeiro que por meio de ato de fé manifestava o sobrenatural na cura dos enfermos que o buscavam. Após o seu repentino desaparecimento, acredita-se que ele se tornou um guardião das águas que funde a crença da população com o imaginário Amazônico.

As crenças carregam consigo mistérios e ensinamentos, que envolvem principalmente uma relação positiva com a natureza, fundamental em uma comunidade, pois é parte integrante da identidade cultural, influenciando o modo de pensar e o comportamento das pessoas, colaborando também com a ideia de reverência da natureza e consequentemente valorização e respeito, compondo um verdadeiro patrimônio imaterial para as comunidades, em que o humano e o não-humano estão em constante movimento no cotidiano dos modos de vida amazônicos.

A agricultura, por sua vez, é um exemplo prático da relação ser humano-natureza que compõe os múltiplos modos de vida na Amazônia. O cultivo em várzea, praticado por comunidades ribeirinhas são adaptados aos ciclos de cheia e vazante dos rios,

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

possuindo uma “lógica”, segundo Silva (2021). Nesse sentido, “o modo de vida da produção camponesa na Amazônia está relacionado às territorialidades singulares que advém da relação terra-água” (Conceição, et al, 2024, p. 155) A produção camponesa garante a segurança alimentar e subsistência dessas comunidades, e contribui com a renda de muitas famílias ribeirinhas, além de preservar a fertilidade dos solos, diferente dos modelos do agronegócio que avançam sobre a floresta.

Outro aspecto importante a respeito dos modos de vida das comunidades amazônicas é a relação afetiva que têm com o território. Aqui, o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de memória, identidade e pertencimento que se manifestam nas múltiplas territorialidades amazônicas. Em vista disso, cabe ressaltar a geograficidade discutida por Amélia Nogueira (2021) que destaca uma geografia construída na vivência, nos lugares descritos na relação de existência, de cotidianidade, uma relação concreta que liga o ser humano à terra.

Essa geograficidade, como define a autora, envolve “homens e mulheres que se relacionam, se envolvem e apreendem cada pedaço do lugar onde vivem” (Nogueira, 2021, p. 2). Assim, surge o conceito de cartograficidade, que consiste em “representações gráficas que mapeiam o modo de ser dos seres humanos na terra” a partir de suas percepções. Relacionando estes conceitos com os povos da amazônia, é possível pensar em como eles percebem o seu território através de mapas mentais.

É isso que Amélia Nogueira traz em seu artigo “geograficidades e cartograficidades: os mapas mentais e o ato de representar”. A título de exemplo, no artigo são evidenciadas as mulheres pescadoras de camarão em comunidades do município de Parintins-AM (Nogueira, 2021), que através de mapas mentais demonstram um território de trabalho que é também um espaço de vida e se incluem como parte integrante da paisagem, mostrando que elas também são parte da natureza, em uma inter-relação com o meio.

A relação dos povos e comunidades tradicionais da Amazônia com o território é, portanto, marcada por um forte ligação entre o material e o simbólico. Esses modos de vida se contrastam com o modo de vida consumista baseado na lógica do capitalismo, que vê as terras, rios e florestas apenas como recursos a serem explorados. Para os povos amazônicos, o território é um espaço de vida, onde os seus saberes/conhecimentos e as práticas cotidianas possuem significados que embasam seus modos de existir, experienciar e resistir. Esses modos de vida em harmonia e cuidado com a natureza estão diretamente ligados com o conceito de Bem Viver que será abordado com detalhes a seguir.

O bem viver, uma proposta decolonial

O conceito de Bem Viver surge como “um olhar de esperança para o futuro” (Silva, 2021, p. 17), uma possível alternativa ao modelo individualista e hegemônico de desenvolvimento predatório capitalista, que é pautado principalmente na exploração e destruição dos recursos naturais, com o único intuito consumista de acumulação individualizada de capital, resultando, dentre outras coisas, na devastação ambiental e marginalização dos saberes e modos de vida dos povos tradicionais.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Nesse sentido, segundo Silva (2021, p. 17), “o Bem Viver propõe uma harmonia com a natureza, com a mãe terra, a Pacha Mama, uma responsabilidade para o outro, uma equidade social e sustentabilidade ambiental”. Essa proposta é decorrente de cosmovisões indígenas e das práticas comunitárias e históricas de povos originários da América Latina (Agra, 2020), e revela a necessidade de uma visão decolonial que valorize os saberes e conhecimentos tradicionais.

O conceito de desenvolvimento está ligado a uma lógica colonialista. Conforme Agra (2020), o desenvolvimento é visto como uma abordagem de cima para baixo, etnocêntrica e tecnocrática que trata as pessoas e culturas como conceitos abstratos, estatísticas que podem ser movimentadas para cima e para baixo em gráficos de progresso. Essa concepção privilegia sobretudo o crescimento econômico e, para que este movimento seja contínuo, a expansão do capital desconsidera totalmente a diversidade, a diferença, as particularidades culturais e ambientais que constituem os modos de ser e existir de inúmeros povos e comunidades dos países chamados subdesenvolvidos para, enfim, impor um único modelo que beneficia apenas os países desenvolvidos.

O desenvolvimento capitalista hegemônico, que é baseado em um eventual progresso que se baseia em exploração e em um modelo de consumo exacerbado, mostra-se insustentável para a Amazônia. Loureiro (2012, p. 528), destaca que “o progresso material e a elevação dos padrões de consumo processaram-se em descompasso com o desenvolvimento moral, intelectual e humano das sociedades ocidentais”. Essa diferença culmina em graves consequências, como por exemplo a exclusão e desigualdade social, a destruição do ambiente e dos recursos naturais e a perda de elementos culturais.

Uma das críticas existentes à atuação deste modelo na Amazônia é sua dependência da exportação de matérias-primas. Como observa Loureiro (2012), depois de experiências fracassadas num passado mais distante, o atual modelo amazônico de desenvolvimento está ancorado em empreendimentos que produzem bens semielaborados (como ferro, alumínio, óleos de dendê e palma) e matérias-primas (como gado e soja), destinados à exportação.

Esta forma de desenvolvimento gera poucos empregos na região e concentra renda em poucas pessoas, expropria populações e comunidades e degrada os solos e rios. Esta forte exploração de recursos naturais tem causado desmatamento em larga escala, o que causa perda de biodiversidade, colocando em risco muitas espécies de animais e plantas, além do futuro da região.

Ao priorizar a acumulação de capital em benefício dos países desenvolvidos, promove a exploração destruidora dos recursos naturais, a expropriação de terras e a exclusão social. Como aponta Agra (2020, p. 18), “o funcionamento do sistema mundial contemporâneo é ‘mau desenvolvedor’ em sua própria lógica, já que está baseado em uma ideia de eficiência que trata de maximizar os resultados, reduzir custos e obter a acumulação incessante de capital”. Esse padrão destrutura comunidades tradicionais que, além de verem seus territórios serem transformados em mercadorias, presenciam a contaminação de rios, de solos e o extermínio de lugares sagrados.

Diante disso, o conceito de Bem Viver aparece como uma crítica ao desenvolvimento econômico capitalista, visando uma mudança prática no modo de pensar e viver em comunidade, transformando as inter-relações humanas e o meio ambiente.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Segundo Agra (2020, p. 17), o Bem Viver é uma oportunidade para construir outras visões de mundo com sociedades sustentadas sob uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta.

Esse ponto de vista contrasta com a noção de progresso e evidencia a importância de valorizar conhecimentos locais e tradicionais, que são muitas vezes marginalizados pelos fortes discursos hegemônicos. O que ocorre, na verdade, é que o desenvolvimento funciona ancorado ao mito do progresso e na concepção linear de história para o pensamento ocidental (Agra, 2020).

Os modos de viver dos povos tradicionais da Amazônia são exemplos de como o Bem Viver pode ser praticado. Como relata Silva (2021, p. 16), o sentido da cooperação e ações coletivas para a manutenção da vida é uma característica ainda presente nas populações tradicionais, e dentre elas as ribeirinhas [...] essa dádiva (da reciprocidade) tão presente no meio dessas organizações sociais é marcada pela confiança no outro, seja ele num vizinho, um parente, seja o compadre fazendo que a estratégia de sobrevivência do grupo seja coletiva

Essas práticas comunitárias tradicionais, que incluem o manejo sustentável de recursos das águas e florestas e a criação de reservas extrativistas, por exemplo, demonstram que é possível conciliar o bem-estar humano com a conservação da natureza, se distanciando do pensamento de exploração.

O reconhecimento e valorização dos conhecimentos tradicionais são base do Bem Viver. Como destaca Silva (2021, p. 14), são “saberes profundos e extremamente estruturados para a vida que se vive nesses locais”. Envolvem crenças, práticas agrícolas sustentáveis, como a já mencionada agricultura camponesa de várzea e conhecimentos medicinais presentes nas plantas, por exemplo, representam o elo que os povos tradicionais possuem com a natureza e seus elementos.

No entanto, como observa Silva (2021), esses saberes têm sido sistematicamente apagados pelo modelo de sociedade moderna, que nos fragiliza e nos minimiza como seres humanos. É por esse motivo que busca-se uma mudança de paradigma que inclua os saberes dos povos no modo de vida em comunidade, e esta mudança é possível somente através de uma decolonização de mentes.

A decolonização do pensamento implica em romper com a lógica consumista, individualista e colonizadora imposta pelo desenvolvimento, é valorizar os conhecimentos que foram historicamente marginalizados e considerados como atraso pelo modelo colonizador de progresso. Os saberes dos povos tradicionais da Amazônia são geografias das vivências e da alma do cotidiano, que conectam o ser humano à natureza de forma recíproca. E é esta relação, naturalmente dos povos originários, que acende uma centelha de esperança como alternativa futura (Silva, 2021).

Para que a decolonização de mentes se concretize, é necessário “tirar a alienação de homens e mulheres que participam da elaboração de outras mentes colonizadas e manipuladas” (Agra, 2020, p. 23). Nesse sentido, entende-se que as pessoas que habitam países chamados periféricos tomem conhecimento de que a colonização perdura até os dias atuais, porém de forma diferente, sorrateira, silenciosa, destrutiva a ponto de negar e apagar culturas, conhecimentos e modos de vida tradicionais.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Diante disso, Agra (2020) defende que pensar no Bem Viver como alternativa não se limita a escrita em projetos e planos, exige a quebra de paradigmas construtores de projetos de financiamentos que insistem em agradar países desenvolvidos. Este novo viver, que consiste em países colonizados valorizarem a si mesmos, sua própria terra, seus povos, sua ancestralidade, deve ocorrer em todas as esferas da sociedade, desde as formas de consumo até políticas públicas dos Estados, criar espaços de diálogo e cooperação entre diferentes formas de saber.

Mas, a efetivação desse modo de vida enfrenta desafios significativos, com o avanço predatório do capitalismo sobre a Amazônia, especialmente diante da pressão do agronegócio, da mineração e de outras ações que progridem continuamente. Como ressalta Agra (2020, p. 22), o Bem Viver “clama pela resistência e construção de alternativas de ordem política e social que se relacione com condicionantes éticos e com a emancipação humana”. Dessa forma, o Bem Viver é resistência dos povos, uma resistência política e cultural frente às forças que buscam subjugar e destruir seus territórios e territorialidades tradicionais. Essa luta exige alianças entre movimentos sociais, a exemplo de organizações indígenas, quilombolas e ambientalistas, a fim de pressionar o Estado em prol da adoção de políticas públicas que reconheçam e apoiem as práticas comunitárias de sustentabilidade, afinal a Pacha Mama pertence aos povos originários.

É por esse motivo que, segundo Silva (2021) o modelo de desenvolvimento capitalista não deve ser combatido apenas com alternativas econômicas, mas com mudanças que se iniciam nos modos de vida da sociedade, afinal o capitalismo é, também, um modo de viver. Daí a importância de uma decolonização que inicia no saber, nos modos de pensar e agir.

Por fim, o Bem Viver representa uma alternativa decolonial e necessária para os povos dos países colonizados, visando um futuro que valoriza a harmonia com a natureza, e que reconhece a importância dos conhecimentos tradicionais dos povos do Sul global. Como propõe Agra (2020, p. 22), “o Bem Viver como uma possibilidade, como um projeto de vida e não como uma utopia, exige, portanto, uma ruptura e superação do conceito de desenvolvimento trazido pelo colonizador”. Para que essa proposta se concretize, é relevante adotar a decolonialidade para questionar as estruturas de poder e conhecimento dominantes que circunda a sociedade, e que promova o diálogo entre diferentes formas de saber e de viver, num ato de resistência.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu evidenciar que os modos de vida e os saberes tradicionais dos povos e comunidades da Amazônia expressam uma cosmovisão ligada na relação simbólico-afetiva com o território, na qual o humano e o não-humano se integram em uma teia de reciprocidade, respeito e cuidado. Essa relação, materializada em encantarias, rituais, práticas agrícolas adaptadas aos ciclos das águas mostram geograficidades singulares, demonstra que é possível viver em harmonia com a natureza sem abrir mão do bem-estar coletivo/comunitário.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

Em contrapartida, o avanço capitalista de desenvolvimento sobre a floresta Amazônica tem imposto uma lógica de destruição sobre as terras, águas e florestas. Diante desse cenário, o conceito de Bem Viver, inspirado nas cosmovisões indígenas e nas práticas comunitárias latino-americanas, aparece como uma proposta decolonial que convida a repensar o sentido de progresso e desenvolvimento.

Contudo, é importante destacar que a efetivação do Bem Viver não se restringe a mudanças individuais de comportamento ou a discursos acadêmicos. Ela exige uma transformação estrutural que perpassa a formulação de políticas públicas participativas, a criação de espaços de diálogo intercultural entre diferentes formas de saber, a garantia de direitos territoriais aos povos tradicionais e o enfrentamento aos projetos de desenvolvimento que insistem em tratar a Amazônia como fronteira de exploração. Além disso, demanda uma descolonização de mentes que alcance, além dos países periféricos, também os centros hegemônicos de poder, responsáveis por sustentar um modelo civilizatório baseado no consumo exacerbado e na desigualdade.

Por fim, reafirma-se que a valorização dos saberes tradicionais e a decolonização do pensamento são caminhos possíveis e indispensáveis para a construção de um futuro mais justo, sustentável e respeitoso com a diversidade cultural e ambiental das Amazônias. Os povos e comunidades tradicionais, com suas geografias da alma e do cotidiano, não são sobreviventes de um passado que teima em resistir; são protagonistas de um presente que já anuncia, em suas práticas, uma centelha de esperança para o futuro da humanidade e do planeta.

Referências

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. A necessária decolonização de mentes para o bem viver. **Revista Presença Geográfica**, v. 7, n. Esp. 2, 2020. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/274/2741508008/index.html>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CONCEIÇÃO, Francilene Sales da; VIEIRA AREB, M.; MELO DE LIMA, S. P.; DOS SANTOS SOUSA, I. Produção camponesa na Amazônia e metropolização: lutas, resistências e autonomia das comunidades em Iranduba-Amazonas. **Revista Contexto Geográfico**, v. 9, n. 20, p. 154-168, 2024. DOI: 10.28998/contegeo.9i.20.17466. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/contegeo.9i.20.17466> Acesso em: 10 dez. 2024.

LOUREIRO, Violeta. A Amazônia no século XXI: as novas formas de desenvolvimento. **Revista Direito GV**. São Paulo: Empório do Livro, 2012. p. 67-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/ZyVGJ6BMxCSJg5txXF7vzLv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: mar. 2025.

MAUÉS, de Cultura. **A Lenda do Anselmo**: o Encantado do Rio Maués-Açu. São Paulo, 12 ago. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bG_AxtKdKyJI Acesso em: 10 jan. 2025.



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1664114

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geograficidades e cartograficidades: os mapas mentais e o ato de representar. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 25, p. 1964-1973, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/> Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Josué da Costa. O modo de vida das populações tradicionais da Amazônia. In: RIBEIRO, Wagner Costa; JACOBI, Pedro Roberto (org.). **Amazônia: alternativas à devastação**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/688> Acesso em: 10 dez. 2024.

WITKOSKY, A. C. **Terras, florestas e águas de trabalho**: Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2021.